



Nos Palcos Da Vida

As histórias das cantoras de bares de Campinas

Autoria:

Aline Regina Telles

Ana Carolina Santos Barros

Fernanda Carolina de Souza

Genicelda Lemos Menezes

Rafaela Ferreira Mello

Orientadores:

Roni E. Muraoka e Ieda Maria da Silva Cavalcante dos Santos

UNIVERSIDADE PAULISTA, CAMPINAS, SP

¹Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.



RESUMO

A história das cantoras da noite de Campinas está totalmente relacionada ao cenário cultural e boêmio da cidade, que tem início a partir da década de 60, sendo retomado de forma intensa nos anos 80, período em que essas mulheres começam a enfrentar menos preconceito e desta forma encontram espaço para se desenvolverem e se realizarem profissionalmente. A trajetória de algumas destas cantoras é o foco do vídeo-documentário *Nos Palcos da Vida: As histórias das cantoras de bares de Campinas*, reconstituída por meio de depoimentos das próprias artistas e também de pessoas que participaram deste universo na condição de jornalistas, produtores e estudiosos sobre o assunto. Ao tratar desta temática, este projeto também pretende resgatar de forma inédita a história do circuito musical de Campinas.

Palavras-chave: Campinas; cantoras; noite; preconceito; resgate.



INTRODUÇÃO

Este relatório tem a intenção de expor as pesquisas e os procedimentos feitos para a elaboração do vídeo-documentário *Nos Palcos da Noite Vida: As histórias das cantoras de bares de Campinas*. Na condição de Projeto Experimental de Jornalismo (PREX), este vídeo-documentário trata de um tema inédito, resgatando parte da trajetória de mulheres que ganham a vida através da música. Além disso, houve a preocupação em relatar o contexto musical de Campinas e, em especial, da inserção feminina neste universo. Para tanto, utilizamos a narrativa do jornalista e músico José Antônio Siqueira do Amaral, conhecido como Zeza Amaral, para conduzir este projeto áudio-visual.

No começo da pesquisa bibliográfica sobre o assunto, notou-se que em Campinas não existe nenhum tipo de material impresso ou áudio-visual sobre o início do cenário musical da cidade nos anos 60 aos 90 e nem sobre o chamado “Setor” ou “*Broadway Campineira*”², a boemia da cidade localizada no bairro Cambuí, onde se concentrava a massa de cantores e público. Além disso, nenhuma publicação sobre a trajetória histórica da participação feminina no cenário musical foi localizada. Este fato, em vez de desânimo, provocou maior entusiasmo pelo tema, indicado pelo antropólogo José Luiz dos Santos.

As leituras feitas para a formulação do projeto de pesquisa proporcionaram levantamento de dados interessantes sobre a biografia de cantoras que contribuíram com o desenvolvimento da música erudita e da música popular no país. Como é de conhecimento geral, durante séculos as mulheres foram caracterizadas pela sociedade como seres maternos, criadas para o lar e apenas para isso. Direito ao voto e à leitura já lhes foram negados. Diante da mínima tentativa de modificar a situação a qual se encontravam eram taxadas de bruxas, prostitutas e qualquer denominação preconceituosa.

Segundo a historiadora e pesquisadora da Unicamp, Ana Carolina Amanda de Toledo Murgel, no país, somente a partir da década de 70, começa-se a notar uma mudança de mentalidade em relação a inserção da mulher nos vários campos profissionais.

² O termo “*Broadway Campineira*” foi citado pela jornalista Carlota Cafieiro, na matéria “Como nos tempos do setor”, do jornal *Correio Popular*, de 6 de fevereiro de 1999.



De acordo a Fundação Carlos Chagas, direito de votar e de ser votada foi concedido às mulheres na Constituição de 1934, sendo que a primeira governadora só foi eleita 60 anos depois. E somente na Constituição de 1988 a mulher teve reconhecidos seus direitos.

Além disso, no século XIX, as mulheres só tinham acesso a romances “água com açúcar”, considerados fúteis, como eram classificadas, e somente com o progresso industrial no século XX, que trouxe a expansão do mercado editorial, é que as mulheres tiveram acesso a jornais e folhetins.

Em relação ao mundo musical no Brasil, Chiquinha Gonzaga foi a primeira mulher a enfrentar a família e a sociedade do mesmo século, por amor à música. Filha de um general com uma mulata, abandonou o casamento para se dedicar à carreira, o que lhe garantiu o pioneirismo no movimento do “Chorinho”, como compositora, principalmente de marchinhas de carnaval. Além do mais, foi a precursora a reger uma orquestra no Brasil e a ser autora teatral. Chiquinha também foi desbravadora do movimento de emancipação da mulher (MURGEL, 2008).

Aracy de Almeida, ou “Dama da Central”³ como era chamada pelo noticiário nacional, foi considerada a maior intérprete de Noel Rosa. Levada em 1933, para o rádio por intermédio de Custódio Mesquita, um dos primeiros compositores brasileiros a aproximar o formalismo clássico com o gosto popular. Logo ela fez fama como intérprete de sambas nas rádios Philips, Mayrink Veiga, Ipanema e Tupi. Ao lado de Carmen Miranda, foi a maior cantora de sambas dos anos 30. Tinha uma personalidade forte, gostava da vida boêmia, e sua maneira de cantar foi determinante para definir os rumos do samba cantado por voz feminina na Era do Rádio.

Maria do Carmo Miranda da Cunha, ou Carmen Miranda, nasceu em 9 de fevereiro de 1909 em Portugal. Veio para o Brasil com 10 meses de idade e foi criada em meio a boêmia carioca. Em função de sua pouca estatura gostava de usar saltos enormes e por causa disso, o radialista César Ladeira a batizou carinhosamente de “a pequena notável”. Sua estréia nos palcos foi um sucesso, e a partir daí ficou conhecida internacionalmente. Mas todo esse sucesso teve um preço e Carmen sentiu no corpo o cansaço e o esgotamento que tantos compromissos acarretaram. Em 5 de agosto de

³ Termo usado por João Antônio Ferreira Filho, no artigo: Dama do Encantado, retirado da internet, site: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Joao_Antonio_Dama_do_Encantado.htm



1955, Carmem morreu aos 46 anos de idade, e em 2009, o Brasil vai comemorar o centenário do nascimento da artista.

Em 1940, Dolores Duran conquistou o público brasileiro se consagrando como intérprete e compositora. Apesar da infância humilde e de problemas cardíacos, a artista carioca alcançou o sucesso ao lado de nomes como Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No entanto, com 29 anos, Dolores morreu vítima de um ataque cardíaco.

Casal na vida real, de intensas afinidades políticas⁴, os cantores Jorge Goulart (Jorge Neves Bastos) e Nora Ney (Iracema de Souza Ferreira) se conheceram no camarim do Copacabana Palace Hotel, em 1952.

Nora começou a carreira cantando repertório internacional e diplomou-se nos sambas canções do início dos anos 50. Mais tarde, fez parte do grupo “As Eternas Cantoras do Rádio”, dividindo o palco e emoções com as companheiras de microfones: Carmélia Alves, Violeta Cavalcanti, Zezé Gonzaga, Rosita Gonzales e Ellen de Lima e ficou conhecida como a primeira intérprete a gravar *rock* no Brasil.

Goulart, sempre navegou pela MPB mais tradicional. Seu primeiro sucesso foi Xangô, de Ari Barroso e Fernando Lobo e, graças a ele assinou contrato com a Rádio Tupi.

Um momento decisivo na trajetória ideológica de Goulart foi em 1958, quando a convite de Juscelino Kubitschek e acompanhado de Nora Ney e outros artistas, organizou uma caravana artística com a finalidade de preparar a reaproximação com a Rússia e a China Popular. Foi um longo e importante trabalho de divulgação da música brasileira, com a preocupação em muitas ocasiões, de levar outros cantores, instrumentistas, dançarinas e passistas.

Em 1983, Goulart teve de extrair a laringe. Ficou curado, mas sem seu instrumento de trabalho, o que deu fim à sua notável carreira. Em 1992, Nora e Goulart se casaram, e ficaram conhecidos como o Casal do Rádio.

No segundo quinquênio, começam a surgir nomes como Maysa Figueira Monjardim Matarazzo e Clara Nunes, personagens que, a seu modo, transformaram a carreira musical.

Maysa quebrou os “tabus”; se divorciou do empresário André Matarazzo ao optar pela carreira, foi responsável por cenas e situações consideradas constrangedoras,

⁴ Termo utilizado por Alcir Lenharo em: A. Repórteres do seu tempo. Unicamp, São Paulo, [S.D.].



sem falar na sua convivência com o alcoolismo tão divulgada pela mídia da época (MURGEL, 2008).

Em 1957, o jornal Última Hora estampou na primeira página “Maysa ferida: jogou seu carro contra o caminhão”. Antes de ocorrer o acidente, a cantora havia saído dos estúdios da TV Rio cambaleando. E no ano seguinte, não teve um único dia que a cantora não fosse notícia de jornal, seja em colunas de fofoca, ou em manchetes sobre seu comportamento.

Clara Nunes, apesar de ter sido descoberta como grande intérprete de samba, lutou para provar que poderia cantar qualquer tipo de música. De acordo com Fernandes (2007), a cantora foi a primeira mulher a atingir recordes de vendas de discos, numa época em que se dizia que cantoras não vendiam disco.

Nara Leão foi ícone da juventude brasileira engajada contra a Ditadura Militar nos anos 60. Segundo Cabral (2001), a bossa nova nasceu em reuniões no apartamento dos pais da cantora, em Copacabana, o que lhe rendeu o título de “Eterna Musa da Bossa Nova”. E, não satisfeita, ainda teve tempo de participar do Tropicalismo de Caetano. Dentre as suas interpretações mais conhecidas, destacam-se: O barquinho, A Banda e Com Açúcar e Com Afeto, feita a seu pedido, por Chico Buarque.

Outra importante intérprete feminina é Elis Regina. Ela nasceu em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde começou a sua carreira nos concursos de rádio da cidade. A gaúcha conciliou os estudos com a carreira de cantora, gravou o seu primeiro LP, e em 1963 resolveu tentar a sorte no Rio de Janeiro. Em abril de 1965, ela conhece o sucesso ao ganhar o I Festival de Música Popular Brasileira da TV Excelsior, com a música Arrastão, de Edu Lobo. Apresentou vários programas de TV e gravou canções de compositores que se tornariam consagrados como Milton Nascimento, Belchior e Renato Teixeira.

A “Pimentinha”, como era conhecida, devido a sua inquietude, é considerada até hoje, mais de vinte anos após a sua morte, a maior cantora que o país já teve. Elis Regina, ainda mantém como marca registrada a técnica vocal e a emoção contagiante de suas apresentações.

Além de suas intérpretes, a música brasileira conviveu com movimentos como Jovem Guarda, que consagrou nomes como Celly Campelo e Wanderléa.



Contemporâneo à Jovem Guarda, surge em meados da década de 60, como movimento de contra cultura, o Tropicalismo, por iniciativa de cantores baianos com a ideologia de contestar a instituição familiar, a religião e a pátria. Artistas como Maria Bethânia e Gal Costa eram consideradas pela Ditadura Militar como subversivas, pois as letras das músicas que cantavam apresentavam questões que derivavam da célebre frase “é proibido, proibir”, do famoso Maio de 68 (MURGEL, 2008).

Já Rita Lee, que até hoje causa polêmica com seu estilo irreverente e seus ideais feministas, esteve envolvida em algumas situações delicadas durante a ditadura. Em agosto de 1976, aos três meses de gravidez, Rita foi presa em sua própria casa, sob acusação de porte de drogas. Passou um mês entre o Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) e o Presídio do Hipódromo e depois foi condenada a regime de prisão domiciliar por um ano. O fato se transformou em escândalo nacional.

Nesse embalo de movimentos nasce na década de 80, a Vanguarda Paulista, que teve início na Capital, no momento em que a ditadura começava a dar sinais de esgotamento. A Vanguarda original tinha artistas da MPB que tocavam *Jazz Rock*.

As breves referências acima mostram que existe material bibliográfico referente à presença feminina no cenário musical brasileiro. Segundo dados da revista *Veja*, de abril de 2007, o número de cantoras vêm aumentando. Em 2006, mais de 100 discos de intérpretes femininas chegaram às lojas. No mesmo período, foram apenas 34 lançamentos de intérpretes homens. O exército das novatas é grande, hoje o mercado comporta uma impressionante convivência de veteranas com estreates, tendo espaço para todas as idades e gêneros.

Há três razões para que a voz feminina seja hoje, mais que uma questão de número. A primeira é o apuro técnico, onde as cantoras fazem de sua voz um instrumento versátil, e não apenas afinado. Em segundo lugar, as mulheres estão se dedicando mais ao quesito interpretação. E em terceiro lugar, é o intenso diálogo que as cantoras mantêm com suas precursoras (MARTINS, 2007, p.1).

Até virada dos anos 40 para os 50, a presença da figura masculina era dominante no meio artístico. Eles não tinham problemas em frequentar as noites das cidades para ganhar prestígio ao exibir sua voz. Sua única dificuldade com a noite era que a sociedade não considerava a música como profissão. No entanto, havia preconceito somente com a figura feminina. As mulheres não poderiam sair para cantar em bares e



restaurantes durante a noite, correndo o risco de serem taxadas de “prostitutas” (LENHARO, 1993, p.1)⁵.

Atualmente esse pré-conceito diminuiu. Cada vez é mais comum ver intérpretes femininas ganhando destaque no mercado de discos, criando estilos e tendências. Parte dessas profissionais escolhe um repertório concentrado ou diversificado, com gêneros variados, que lhes permite exibir seus dotes vocais ou interpretativos.

⁵ Citações baseadas no Guia de Normatização para apresentação de trabalhos acadêmicos da Biblioteca Central da Universidade Paulista Unip, site:

http://www.unip.br/servicos/biblioteca/download/manual_de_normalizacao.pdf

O manual está baseado em: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento: apresentação. Rio de Janeiro, 2002; **NBR 6028** 2003; **NBR 12225** 2004; **NBR 14724** 2005.



2. OBJETIVO

Desde o começo, até mesmo antes de chegar ao tema que retratou a história das cantoras da noite de Campinas, o intuito do vídeo-documentário era contribuir com a divulgação da produção cultural da cidade. Portanto, esse era o objetivo do Projeto Experimental de Jornalismo (PREX), que resgata parte da trajetória dessas mulheres que ganham a vida através da música.

Por se tratar de um tema inédito, houve a preocupação em relatar também o contexto musical da cidade, principalmente, no que se refere à inserção feminina neste universo.

Nos palcos da vida: As histórias das cantoras de bares de Campinas veio para mostrar a delicadeza e ao mesmo tempo a luta cotidiana das mulheres que “sobrevivem” na música.



3. JUSTIFICATIVA

Apesar de parecer redundante, pois várias vezes foi citado neste relatório, a importância do documentário *Nos Palcos da Vida: A história das cantoras de bares de Campinas* está no seu ineditismo ao retratar a inserção feminina no contexto musical da cidade. Para isso apresentamos a história das cantoras da noite de Campinas e o cenário que estavam envolvidas, através de depoimentos de personagens que participaram dessa vida noturna como o jornalista José Antônio Siqueira do Amaral, conhecido como Zeza Amaral, e das próprias cantoras, a partir da década de 60.

No entanto, antes de relatar a trajetória das intérpretes de Campinas, foi necessário traçar um panorama sobre a música popular brasileira, assim como citar algumas de suas personalidades femininas.

3.1 As primeiras cantoras

Campinas da década de 60 já era considerada um pólo industrial e com a instalação da Faculdade de Ciências Médicas, mais tarde Unicamp, em 1963, demonstrou a pretensão da cidade em se desenvolver num centro cultural e de pesquisa. Não esquecendo que a PUC já existia desde 1941. Esses são alguns dos fatores que segundo Martins (2007), em Campinas, *Imagens da História*, a tornou uma das mais importantes cidades da América Latina.

É nesse contexto histórico, que surgem os primeiros locais com música ao vivo, nas boates da zona do meretrício, no Jardim Itatinga, e no Restaurante Armorial, que ficava na Rua General Osório, no centro. O restaurante, dos franceses Solange e Ângelo Lepreri, na época era sinônimo de requinte e sofisticação, assim como definiu Helton Pimenta e José Pedro Soares Martins em Campinas, meu amor: “um casal internacional que tornou cosmopolita a boêmia de Campinas” (2007).

O fim da década de 60 marcou um período em que a efervescência mundial em torno das liberdades civis e da igualdade de direitos chega a seu ápice, enquanto no Brasil se constituiu a ditadura do regime militar. Ao final da década de 70, o movimento feminista se tornou uma das vozes mais importantes na luta pela anistia. O exílio



também acabou por influenciar o feminismo no país, ao colocar as feministas em contato com a Europa e os Estados Unidos (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2008).

Neste período também, as amizades entre os jovens começaram a se formar. Foram artistas, músicos, jornalistas, que compuseram uma espécie de “confraria boêmia”. Também surgiram as repúblicas de moças em Campinas, atitude avançada para a época, inclusive a república formada pela cantora Celinha Niero e suas amigas, no final da década de 60, foi a primeira da cidade e contou com uma ‘certa’ liberalidade que não seguia os padrões da época, pois lá haviam reuniões entre amigos, em especial os músicos, que em vez de ir para barzinhos ficavam na casa cantando e conversando até o outro dia.

O grupo de amigos interessados na cultura em geral começou a sair em busca de lugares, especificamente os bares, para se reunir e fazer uma roda de samba. No entanto, encontravam-se em plena ditadura militar, uma época marcada pela repressão. O fator contribuiu para as mudanças no estilo musical brasileiro, e apesar de no país como um todo configurar as canções de protesto, essa turma de jovens queria ouvir, cantar e compor músicas mais poéticas como a serenata e o samba canção, onde se destacavam nomes como Vinícius de Moraes, Nelson Cavaquinho e Cartola.

Com o advento da ditadura militar até o guarda noturno virou autoridade, então nós éramos impedidos de fazer serenatas, pegavam o nosso violão, levava a gente para as delegacias, aquelas coisas todas. A partir daí a gente começou a se refugiar nos barzinhos para tocar (AMARAL, 2008).

Esses jovens então transferiram as suas longas horas de conversas e de músicas para os bares. E lá ficavam até cinco, seis horas da manhã, quando o dono do estabelecimento cansasse daquela confraternização.

Celinha Niero é considerada por Amaral a primeira cantora de bar, pois ela tinha acesso livre a esses locais. Outra personagem da década de 60 é a cantora Catarina de Barros das Neves, na época conhecida como Helena. Ela iniciou na profissão em programas de televisão como de Airton Rodrigues, na Peneira Rodine, na época TV Cultura, cantou com Ermos Chaves e o maestro Gabriel Migleone. Catarina parou de



cantar por um longo período e na década de 80 retomou a carreira em bares, clubes, orquestras, entre vários lugares em Campinas.

Nesse contexto da década de 70, surgem também, cantoras que começam a fazer parte do circuito musical em locais como Armorial, Hotel Holliday Inn e Restaurante Bahamas, como Fátima, Maria de Fátima e Dagmar Pereira Forte de Oliveira, que ganharam espaço para mostrarem as suas vozes.

Fátima cantou um tempo no Armorial, no fim acabou indo para o Rio de Janeiro e hoje é back vocal de Roberto Carlos. Já Dagmar⁶, foi a primeira locutora da Rádio Cidade de Campinas FM. Começou sua carreira por volta de 72, trabalhando em orquestras e na boate Chega Mais, que ficava na avenida Norte Sul.

3.2. Cantoras e os movimentos sociais

O surgimento dos bares na década de 60 e a influência dos debates sobre liberdades e direitos individuais permitiram que as cantoras de Campinas ocupassem um espaço na noite, ambiente antes considerado tipicamente masculino, começando assim, a quebrar o autoritarismo social existente.

O autoritarismo social é explicado da seguinte forma por Dagnino:

Profundamente enraizado na cultura brasileira e baseado predominantemente em critérios de classe, raça e gênero, esse autoritarismo social se expressa num sistema de classificações que estabelece diferentes categorias de pessoas, dispostas nos seus respectivos lugares na sociedade. (DAGNINO, 1994, p.104)⁷

⁶ Matéria publicada no jornal Diário do Povo, 28/09/1980.

⁷ Ainda de acordo com Dagnino, essa noção de “lugares sociais” constitui um código estrito, visível no nosso cotidiano, onde há uma clara divisão de gênero e classe.



Com o início das discussões políticas e democráticas a partir da década de 80, aparecem as preocupações com os movimentos sociais e desta forma esse autoritarismo social diminuiu abrindo caminho para discussões peculiares de cada classe e gênero.

De acordo com Evelina Dagnino, uma das dimensões que presidem a emergência de uma nova cidadania é o fato de que ela deriva e, portanto está ligada, à experiência concreta dos movimentos sociais como: movimentos feministas, negros, homossexuais e ecológicos.

Na organização desses movimentos sociais iniciados com o fim da ditadura, a luta por direitos, tanto o direito à igualdade, como o direito à diferença, constituiu base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania, já que no final dos anos 80, o Brasil volta a viver a democracia, e as aberturas políticas.

Sendo assim, a “nova cidadania” sugerida pela autora, defende a idéia de igualdade, mais conserva as particularidades de cada classe e gênero, que era exatamente o anseio da mulher na década de 70, quando seus direitos começavam a ser respeitados, mas suas particularidades de gênero não.

No contexto musical, quando as particularidades de gênero passaram a ser respeitadas, as mulheres começaram a se desenvolver profissionalmente, pois deixaram de ser figuras “frágeis e indefesas”, e tornaram-se concorrentes dos homens no meio musical. Portanto, esse espaço deixou de ser exclusividade masculina e atualmente é um lugar feminino também.

3.3. A consolidação dos bares

O final da década de 70 marcou o começo do surgimento dos bares com música ao vivo e também a existência de algumas boates, mas com discoteca. E, no final de 77, Lepreri não consegue impedir a falência do Armorial.

Já em 78, surgiu uma boate na Avenida Norte Sul, já citada anteriormente, chamada Chega Mais, com música ao vivo. No mesmo ano abriu um bar, onde hoje é um prédio ao lado do Fran's Café, no Cambuí. Era uma casa colonial, onde se instalou o Adegas dos Arcos.



O espaço em cima desse bar foi alugado por Zeza Amaral, seu irmão Djalma, Celinha Niero, o barman Dionísio, o violinista Alfredinho Soares, e o baterista Raul, que montaram outro bar, o Água Furtada. O bar foi um sucesso, pois seus donos levaram o público que conheceu no botequins que viviam tocando.

A mudança da sede veio logo, em fins da mesma década. Outro Água Furtada foi aberto na esquina das ruas Antônio Cezarino com General Osório, no Cambuí. Aí começa a se formar o “Setor”, um quarteirão que foi sinônimo da boemia dos anos 80, repleto de bares, dos quais se destacam: Ilustrada, Natural, Candeeiro, Almanaque, Bar do Meio, Caicó, entre outros.

A época também marcou o surgimento de outra cantora, Célia Artioli, que foi descoberta no Círculo Militar de Campinas, pelo coronel Rodolpho Pettená. Célia começou a trabalhar como crooner no grupo Som Especial e a fazer apresentações em bailes, ao mesmo tempo em que exercia a função de funcionária pública.

Edy Feijó iniciou sua carreira com aproximadamente 14 anos. A primeira vez que ela entrou num palco foi no Teatro Castro Mendes, durante o Festival “O Guarani”, em 76, produzido por Amaral que, aliás, teve que empurrá-la, porque chegou na hora de defender a música “Turista no morro” de Humberto Assaf, ela empacou. No final, Edy acabou ganhando como melhor intérprete.

Profissionalmente, ela iniciou a carreira em bandas, inclusive trabalhou no mesmo grupo Som Especial, e conseqüentemente se apresentou em bares de Campinas e Região. Edy se destacou como a primeira cantora de bares, no Município de Sosas.

3.4. Setor, a “Broadway Campineira”

Os amigos dos donos do Água Furtada resolveram, na década de 80, abrir outros bares ali no quarteirão onde hoje é o City Bar, e com música ao vivo. Aí surge a “Broadway Campineira”, apelido dado durante uma brincadeira.

Broadway porque devido Campinas ser uma cidade universitária vinham estudantes de praticamente todo Brasil: cada um com sua cultura, seu estilo, sua gíria, que se misturavam naquele Setor. Esse período é caracterizado pelo processo de



rebeldia estudantil, principalmente em relação à ditadura, ao mesmo tempo em que esse regime começa a declinar: os jovens foram ficando cada vez mais soltos (AMARAL, 2008).

E profissionais como o grupo Bons Tempos e o músico Edu Passeto, tornam-se profissionais a partir da brincadeira nesses botecos. Na mesma época haviam bares que fizeram sucesso fora do Setor como o Red Lion Pub, Bar 91 e a boate Clube de Esquina II. Esses locais tinham um outro público, mais elitizado, mas a proposta de música ao vivo era a mesma.

O Red Lion era um bar no Cambuí, idealizado como um pub, no estilo inglês, com um conceito de música instrumental e que aos poucos foi se modificando aderindo à música popular. De todos os bares citados anteriormente, ele é o único que funciona até hoje.

Já o Bar 91, que ficava na Av. Norte Sul, além da decoração que mudava conforme a estação do ano, era um ambiente fora da *Broadway* Campineira, onde os amigos se reuniam para ouvir uma boa música, como afirmou o seu dono Antônio Carlos Francisco. Segundo Amaral, a partir daí começa a se configurar o barzinho, mais no estilo “balada”.

Ao mesmo tempo em que se firmavam os bares, também surgiu a boate Clube de Esquina II, local onde Wilma Maris iniciou a sua carreira de cantora. Advogada por formação e tendo participado de peças teatrais e novelas, a então dona do estabelecimento, junto com o marido na época Astor Franchi Júnior, subiu ao palco para integrar a programação da boate.

Tatiana Rocha e Carolina Murgel, mais conhecida como Carô, também são personagens que fizeram parte da história dos bares do Setor, mais precisamente do bar Ilustrada, do proprietário Camilo de Lélis Chagas, inspirado no caderno cultural do Jornal Folha de São Paulo, como o mesmo nome.

As estudantes da Unicamp, tentavam se manter com a música, ao mesmo tempo que com um jeito descontraído, a dupla se divertia e divertia a todos na platéia. Época, que segundo Tatiana, “foi um momento musical de Campinas muito rico”.

Então começaram a surgir mais bares com música ao vivo, até que os moradores do Cambuí começaram a se sentir incomodados: um bairro tipicamente residencial, que



de repente teve que conviver com as músicas que iam até altas horas da madrugada (AMARAL, 2008).

“Na década de 70, surgiram elementos que formaram um povo unido e forte”, afirmou a cantora Dagmar na matéria publicada em 80 no Diário Popular. Em contrapartida, a geração de músicos que surge na década de 80, não possui mais o espírito de confraria como os da década de 60 e 70, quando o individualismo começa a prevalecer.

A Prefeitura, na época comandada por Jacó Bittar, aprovou uma lei para proibir a música ao vivo depois da meia noite. Isso acabou, praticamente, matando a boemia da cidade.

Murgel, participante de toda a situação descreve o fato:

Quando Jacó Bittar foi prefeito ele era vizinho do Ilustrada, aí começou uma guerra entre os músicos e a Prefeitura de Campinas (...) Chegou num ponto que os moradores do prédio soltavam fogos, rojão, em cima das mesas. Teve muita briga, saiu gente machucada! Nós fizemos uma comissão, eu era representante dos músicos, e fomos falar com a Prefeitura e quando chegamos lá alegaram que não dava pra ter música em um bairro nobre, mas que tudo bem se fosse, por exemplo, na Vila Industrial (MURGEL, 2008).

No início dos anos 90 o quadrilátero que era chamado de “Setor” chegou ao fim. Os bailes continuaram fazendo parte desse período, mesmo com a efervescência dos bares.

Vera Fuzaro, então com 20 anos na década de 80, começou a cantar, junto com Edy Feijó, no grupo Som Especial. O sonho da jovem condizia com a realidade dos bailes, onde havia todo um glamour e atenção do público, bem no estilo *pop star*.



3.5. Anos 90, surge um novo tipo de boemia

Quando a Prefeitura interfere na vida cultural da cidade, permitindo o fim do Setor, provoca um hiato de quase doze, quinze anos. E hoje existe um novo tipo de música, um novo tipo de noitada, ou de balada, termo mais utilizado, não é mais boemia. Não se faz mais um resgate da nossa cultura popular (AMARAL, 2008).

O fato de acabar com um espaço destinado a troca de culturas através do entretenimento e do lazer, que esses bares proporcionavam e a opção por parte dos novos músicos de tocar o que ouve na tevê, proporcionou essa defasagem na música popular, ainda mais como disse Amaral (2008), quando não se procura um resgate da cultura. Resgate esse que só existe em cidades do interior, não em cidades como São Paulo e no Rio de Janeiro, porque nas grandes capitais não se dá a importância esse resgate, a transformação é mais rápida, não se apegam às culturas.

Amaral critica a globalização da televisão no Brasil, que parte do Rio de Janeiro:

Já era um pouco assim naquela época, mas hoje é mais muito forte, ainda mais porque a Globo é muito competente, é a melhor televisão do mundo em termos de qualidade técnica. Mas o problema disso tudo é que uma determinada cultura acaba se espalhando para o resto do país, então fica chapado! Então o que sobra para o artista garimpar coisa do passado e que não está passando na televisão. A gente já fazia isso. Com esse problema que teve em Campinas, perdeu-se o tesão (AMARAL, 2008).

Amaral critica ainda a falta de discussão entre os jovens que acabam não se informando sobre o momento atual e muito menos se contextualizando com passado. As reuniões nos bares aconteciam para se cantar, fazer poesia, fazer música, discutir teatro, cinema e política. Hoje, segundo ele, os jovens não têm estímulo para refletir sobre esses assuntos.

Mas o jornalista não desanima, acredita que ainda há jovens interessados em resgatar essa música popular, falta se reunir com outros interessados, no entanto falta um músico de qualidade que reunia todo mundo para o bar.



Uma tentativa de resgate vem com o surgimento do Café 7 Piano Bar, da família Cury, em 1997, local que reunia várias gerações e dava espaço a música instrumental e aos novos talentos vocais. É aí que surge Aureluce do Santos. Funcionária aposentada da Unicamp, o canto entra na sua vida como um hobby, apesar de vir de família de músicos, e por insistência de sua professora acaba se candidatando ao concurso do bar, um tipo de karaokê ao vivo. A partir daí, depois de vencer, ela começa a sua carreira como sambista.

No mesmo ritmo surge Ilcéi Miriam, formada em história. A cantora já adolescente aprende a tocar violão, e apaixonada por samba, começa a ter aulas de cavaquinho no final dos anos 80. No início da década de 90, inicia a carreira profissional, cantando em festas de aniversário, casamentos em bares e casas noturnas na região ou fora dela.

Laine de Carvalho, diferente das duas cantoras anteriores, tem como estilo a MPB. Filha de trompetista e natural de Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, ela sempre esteve envolvida com festivais da cidade e da região. Em Campinas há quase 20 anos, ela dá prosseguimento a sua carreira.

3.6. Quem são as cantoras da noite de Campinas?

As personagens da música de Campinas, de diferentes estilos musicais, idades e personalidades, encontram um ponto em comum ao batalharem por uma carreira, que nem sempre é segura e, muitas vezes, é vista com muito glamour ou total existência dele.

“É uma carreira muito difícil, onde a gente se doa muito e ganha pouco”, definiu a cantora Catarina de Barros das Neves.

Podemos contar através dessas intérpretes, várias histórias de alegrias e sacrifícios que vão engrandecendo a figura da mulher seja ela mãe, esposa, filha, ou simplesmente cantora. Todas elas enfrentam uma jornada difícil de trabalho, sem falar que nos finais de semana e nas festas sempre estão ocupadas entretendo as pessoas. No entanto, algumas exercem ou exerciam uma dupla jornada.



Durante anos Célia Artioli esteve dividida entre o emprego de funcionária pública da Secretaria da Agricultura e a atividade de cantora, até se aposentar. Não foi uma tarefa fácil, ainda mais quando ela se divorciou e teve que se dedicar aos dois trabalhos e aos dois filhos.

Assim como ela, Edy Feijó conciliou a carreira com a profissão de jornalista e os cuidados com o filho. Também Wilma Maris dividia os palcos do Clube de Esquina II com os cuidados com os filhos. E Ilcéi Miriam, no mesmo período em que cantava, estava cursando a faculdade e trabalhando no banco.

Tatiana Rocha, mãe de dois filhos também se dividiu entre várias atividades artísticas para cuidar deles e se manter. Além de cantora, é compositora e está envolvida em projetos teatrais. Segundo a cantora, no início levava o filho mais novo para o bar, pois não tinha com quem deixar, enquanto o menino dormia em alguma sala, sob sua supervisão e de alguns funcionários, ela trabalhava. “O preconceito em relação a quem está no palco, seja pela profissão, que não é vista como tal, ou simplesmente por pela figura feminina que se encontra ali, está muito presente, mas depende muito da postura da cantora”, contou.

As “operárias da noite”, como se auto-denominam, têm que enfrentar as cantadas, o machismo, os bêbados e saber se esquivar de inúmeras situações. Atualmente o preconceito da própria família já não está mais tão presente, mas Célia Artioli viveu isso com o pai e até na dificuldade de encontrar um namorado, quando muitas vezes teve que mentir sobre suas viagens como os grupos de baile. Até cantoras como Aureluce e Ilcéi que conquistaram um espaço no samba, um estilo dominado pelos homens.

Ao longo da carreira, muitas histórias de vida vão surgindo e muitas transformações também. Catarina se apaixonou por um rapaz vinte e cinco anos mais novo que ela e teve problemas com a aceitação da família e do meio musical, logo depois de ter se separado do marido. Segundo ela, se sentia envergonhada e até tinha preconceito de si mesma. Acabou por causa disso, indo para um sanatório em Amparo, interior de São Paulo, onde tinha como recordação de sua carreira, apenas os vestidos de luxo. O tempo passou, hoje são casados, e Catarina segue uma vida diferente: se converteu evangélica, retomou a carreira e gravou um CD gospel.



Já Célia Artioli teve uma tragédia em sua vida com a morte do filho mais novo. Ele estudava regência em Tatuí, local em que foi atropelado, bem na época em que eles estavam com o projeto de gravar um CD, ela voz e ele como pianista. Ele foi o terceiro, dos cinco pianistas que ela perdeu ao longo da carreira.

Histórias de recomeço como a da cantora Celinha Niero também fazem parte. Hoje ela continua cantando, mas não profissionalmente. Mas retornou às salas de aula, depois de um bom período, para lecionar matemática.

A cantora Aureluce, exemplo de que nunca é tarde para realizar um sonho, iniciou a carreira após se aposentar. Em meio às apresentações ela foi abordada por um produtor que a levou para o Rio para gravar um CD, no entanto, antes de terminar o trabalho, ele teve um infarto e faleceu.

Mas a carreira tem as suas compensações, como a fidelidade do público, a gravação de um CD, conquistado por muitas, enfim, o reconhecimento do trabalho. Laine Carvalho lançou este ano o seu CD “Eu no meu canto”, e Vera Fuzaro, que também está em estúdio, dando início à gravação de seu CD.

E mesmo para quem caiu de “pára-quadras” na profissão como Wilma Maris, mas acabou se apaixonando pela profissão, e não gravou CD. Ou até Célia Artioli que tem apenas gravações caseiras de shows, todas se realizaram e conseguiram suas compensações. “A gente não sabe aonde quer chegar, a gente só quer alguma coisa”, afirmou Elza Soares.



4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de pesquisa para produção do vídeo-documentário foi dividido em três fases. A primeira constituiu o levantamento histórico através de pesquisa em jornais, livro e internet, a fim de compreender como se deu a inserção das cantoras na noite de Campinas, e sob que contexto histórico esse fato aconteceu. Além disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a história da música no Brasil. Neste sentido, dois autores foram importantes para o embasamento teórico sobre esta temática: Ana Maria Bahiana e José Ramos Tinhorão.

Na segunda fase foram feitas entrevistas com Alfeu Júlio, Álvaro Tucunduva (Tucun), Antonio Carlos Francisco, Bebeto von Beuttner, Camilo de Lélis Chagas, Fernando Curti, Jorge Araújo, Jorge Cury Neto, Léa Ziggiatti, Luiz Lauro Ferreira, Marcelo do Canto, Valentim Bistafa Filho, Vinicius José Geribello (Ding Dong), Zaiman de Brito Franco e José Antônio Siqueira do Amaral (Zeza), personagens que compuseram o cenário musical, a partir da década de 60. A coleta dos depoimentos foi fundamental, pois foi constatou-se através de levantamentos preliminares que não existem materiais impressos ou audiovisuais sobre o tema. Desta forma, foi possível construirmos um relato histórico inédito sobre a participação das mulheres na cultura musical da cidade.

Por fim, na terceira fase foram colhidos depoimentos de aproximadamente 30 cantoras, selecionadas durante o processo de produção. Deste total, foram escolhidos relatos para compor o vídeo-documentário.

Nas duas últimas etapas, utilizamos o método biográfico, onde “cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo”. (GOLDEMBERG, 1997). Através deste método, compreendemos que os entrevistados, à sua maneira, contribuíram com o período histórico pesquisado de várias maneiras.

Para finalizar, reunimos as informações obtidas nas pré-entrevistas e pesquisas e “tecemos” um relato histórico das cantoras transformadas em personagens do nosso projeto.



5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O vídeo-documentário *Nos Palcos da Vida: As histórias das cantoras de bares de Campinas*, apresenta um relato sobre a trajetória das mulheres que cantam em bares noturnos da região. É importante ressaltar que não há nenhum produto jornalístico que aborde este tema, o que o torna um material inédito.

Além da trajetória dessas cantoras, foi resgatada a história do circuito musical de Campinas o que agregou ainda mais conteúdo ao vídeo.

Através de depoimentos foram relatadas as experiências no cenário da noite, desta forma foi possível conhecer as dificuldades e conquistas de cada cantora.

Este vídeo, portanto tem o propósito de contribuir com a divulgação de aspectos importantes da cultura musical da cidade, muitas vezes lembrada apenas pelas obras do compositor Carlos Gomes. Por isso, pretende-se fazer uma grande divulgação nos espaços institucionais e culturais de Campinas e também em eventos nacionais.

5.1. Produção e edição

A produção e as pré-entrevistas começaram a ser realizadas em julho de 2008 e concluídas em novembro do mesmo ano. A partir desse trabalho, selecionamos as cantoras que se encaixavam no perfil que procurávamos, para então elaborarmos um pré-roteiro, que tratava também do contexto histórico no qual elas estavam inseridas, narrado por Zeza Amaral.

Com o pré-roteiro e o conteúdo definidos demos início às gravações. Optamos por filmar as cantoras em dois tipos de enquadramento, além de gravar uma música, com a qual a cantora se identificava, dando um caráter mais pessoal a cada depoimento. Já a filmagem do Zeza Amaral foi feita em um único plano.

Terminado o período de gravações, transcrevemos todo o conteúdo gravado e selecionamos as falas que melhor se enquadravam em nosso objetivo, dessa forma elaboramos o roteiro para a edição.



Com o roteiro em mãos, a edição do material começou a ser realizada no dia 21 de novembro e terminou no dia 4 de dezembro, após alguns problemas técnicos.

O vídeo foi dividido em três partes: o início com trechos das falas das cantoras, em seguida os depoimentos das mesmas e do condutor da narrativa, Zeza Amaral, e por fim selecionamos algumas falas das intérpretes, nas quais elas estão descontraídas contando a respeito de situações inusitadas, fatos marcantes ou apenas expondo o seu ponto de vista sobre a profissão.

Optamos por um enquadramento em plano americano para valorizar a expressão dos entrevistados e escolhemos geradores de caracteres (GC) para separar as partes do documentário. A trilha sonora adotada foi utilizada somente no início e no final do vídeo, pois as intérpretes cantavam trechos de músicas antes de começar o depoimento. Procuramos não intercalar esses depoimentos com fotos e não utilizar offs, para que nenhum desses fatores dispersasse a atenção para o foco do projeto, que são as histórias dessas cantoras.

5.2. Ficha técnica

Nome: Nos Palcos da Vida

Duração: 20`18``

Sinopse: O vídeo-documentário Nos Palcos da Vida: As histórias das cantoras de bares de Campinas, retrata o início do circuito musical da cidade, seus primeiros e principais bares, e destaca a trajetória de suas cantoras, relacionado contextos, relatos e experiências vividas na noite.

Orientação temática: Roni E. Muraoka

Orientação de pesquisa: Ieda Maria da Silva Cavalcante dos Santos



Pesquisa / Produção / Roteiro / Edição: Aline Regina Telles, Ana Carolina Santos Barros, Fernanda Carolina de Souza, Genicelda Lemos Menezes, Rafaela Ferreira Mello

Captação e tratamento de imagens/editoração: Jorge Soares (Kiko)

Fotografias: Jorge Soares (Kiko), Willians Soares e Érica Cherubini

Foto capa: Willians Soares

Trilha Sonora:

Atrás da porta (Chico Buarque)

Canta Brasil (Alcir Pires Vermelho/ David Nasser)

Certas Canções (Tunai/ Milton Nascimento)

É que nessa encarnação eu nasci manga (Luli / Lucina)

Não Imaginava (Edy Wilson)

O que é, o que é (Gonzaginha)

Primavera (Vinícius de Moraes/ Carlos Lyra)

Samba de Batom (Rinaldo e Ido Luiz)

Sereia da Noite (Zeza Amaral)

Summertime (George Gershwin)

Volta por cima (Paulo Vanzolini)

Projeto Experimental em Jornalismo – Unip/Campinas (2008)

**Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998**



6. CONSIDERAÇÕES

As mudanças que aconteceram ao longo dos anos proporcionaram um cenário que hoje, de uma forma geral, favorece o surgimento de um grande número de intérpretes femininas no Brasil. Este fato proporciona a elas condições justas e respeitáveis de desenvolverem suas carreiras sem se deparar com o preconceito que as assolava há 50 anos atrás.

Em Campinas, não é diferente. As histórias das mulheres que compõem este vídeo-documentário são repletas de muita luta, mas de muita conquista. A pesquisa e investigação jornalística feita para este projeto experimental resgata, de forma inédita como foi construído o cenário musical de Campinas, e sob esse contexto: a inserção da mulher na noite.

Constatamos que essas cantoras passam noites e madrugadas em claro, e se desdobram em muitas para poder cuidar dos filhos e da vida particular. Aparentemente fácil, mas a vida de cantora é bem mais tumultuada do que se pode imaginar. Elas têm duas vidas: uma no palco, onde muitas vezes tornam-se personagens, e outra nas suas casas, onde são simplesmente mulheres.

Como profissionais, este trabalho serviu para colocarmos em prática o que aprendemos durante o curso. Além do mais, os desafios encontrados devido a não existência de material impresso e audiovisual sobre a história das cantoras da noite e, conseqüentemente, sobre o cenário musical campineiro, nos permitiu elaborar um trabalho, como dito anteriormente, inédito, resultado de meses de pesquisa e busca por depoimentos, que tem possibilidade de render frutos para o início da nossa vida profissional e que tem por principal objetivo, contribuir com a cultura em Campinas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, J. A. S. Entrevista concedida ao grupo em 07 de novembro de 2008. O entrevistado é jornalista e músico em Campinas e participou do surgimento do cenário musical da cidade.

A marca da estrela. Especial Elis Regina. Estação Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/estacao/elis_regina/biografia.html#>. Acesso em: 17 dez. 2008.

BAHIANA, A. M. Nada Será Como Antes. RJ, Editora Civilização Brasileira, 1980.

BLOG Oficial Clara Nunes: A Voz de Ouro! Blogspot, MARTINS, S. A Nação das Cantoras. Tudo que sobra blogspot. Disponível em: <<http://claranunesvozdeouro.blogspot.com/2007/04/revista-veja-nao-das-cantoras.html>>. Acesso em: 30 mai. 2008.

CABRAL, S. Nara Leão, uma biografia. RJ, Lumiar Editora, 2001.

CANTORAS da noite. Diário do Povo. Campinas, 28 de setembro de 1980.

CANTORAS do Brasil. “Maysa”. Geocities. Disponível em: <<http://br.geocities.com/cantorasdobrasil/cantoras/maysa.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

CELLY Campelo. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Celly_Campelo>. Acesso em: 25 ago. 2008.

DAGNINO, E. (ORG) OS Movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. Anos 90 - Política e Sociedade no Brasil. SP, Brasiliense, 1994, p. 103-115.

FAOUR, R. Leny Eversong: os 80 anos da diva esquecida. Clique Music, 2000. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/br/Acontecendo/Acontecendo.asp?Nu_materia=665> Acesso em: 25 ago. 2008.

FERNANDES, V. Clara Nunes. Guerreira da Utopia. SP, Ediouro, 2007.

FILHO, João Antonio Ferreira. Dama do Encantado. Orfeu Spam Apostilas, São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Joao_Antonio_Dama_do_Encantado.htm>. Acesso em: 31 out. 2008.

FUNDAÇÃO Perseu Abramo. “Céli Regina Jardim Pinto. Uma história do feminismo no Brasil, São Paulo, 2003”. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1715>> Acesso em: 10 nov. 2008.

GOLDEMBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Record, 1998.



LENHARO, A. Fascínio e Solidão: As Cantoras do Rádio nas Ondas Sonoras do Seu Tempo. University of Wisconsin Press, Luso-Brasílian, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/3514197?cookieSet=1>>. Acesso em: 31 out. 2008.

LENHARO, A. Repórteres do seu tempo. Unicamp, São Paulo, [S.D.].

LENY Eversong. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Leny_Eversong>. Acesso em 25 ago. 2008.

MARTINS, J. P. S. Campinas, Imagens da História. Campinas, Editora Komedi, 2007.

MARTINS, S. A. Nação das Cantoras. Veja, São Paulo, 11 abr. 2007. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/110407/t120.shtml>>. Acesso em: 30 mai. 2008.

MARTINS, S. A Nação das Cantoras. Tudo que sobra blogspot, 2007. Disponível em: <<http://tudoquesobra.blogspot.com/2007/04/nao-das-cantoras.html>>. Acesso em: 30 mai. 2008.

MASSON, Nonato. É samba, sinhá. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 30 dez. 1961. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/temas/fevereiro2008/te10902c.asp>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

MAYSA. Almanaque Carioca, 2008. Disponível em: <<http://www.almacarioca.com.br/maysa.htm>> Acesso em: 25 ago. 2008.

MAYSA. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Maysa>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

MAYSA. Clique music. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/maysa.asp>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

MAYSA Matarazzo. Memorial da Fama/ biografias. Disponível em: <<http://www.memorialdafama.com/biografiasMP/MaysaMatarazzo.html>>. Acesso em 25 ago. 2008.

MURGEL, C. Elis Regina. MPBNet. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/>>. Acesso em 17 dez. 2008.

MURGEL, C. Rita Lee. MPBNet. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/musicos/rita.lee/>>. Acesso em 25 ago 2008.

MUGEL, A. C. A. T. Entrevista ao grupo em 16 de outubro de 2008. A entrevistada é professora e pesquisadora da Unicamp.

NORA NEY. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nora_Ney>. Acesso em 25 ago. 2008.



NORA NEY. Biografia. Clique Music Uol. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/nora-ney.asp>>. Acesso em 25 ago. 2008.

PIMENTA, Helton; MARTINS, José Pedro Soares. Campinas, meu amor: A cidade vista pelos olhos de Zaiman de Brito Franco. Campinas, Graftes, 2007.

RECÔNCAVO baiano. Wikipédia. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Rec%C3%B4ncavo_baiano>. Acesso em: 18 nov. 2008.

RIBEIRO, B. Ilcéi, a cidadã do samba. Correio Popular, Campinas, 11 jun. 2008. Cultura/Variedades, Caderno C.

RITA Lee. Camarim, biografia. Disponível em: <<http://www.ritalee.com.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

RITA Lee. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rita_Lee>. Acesso em 25 ago. 2008.

RITA Lee: 60 anos de Rock. Uol. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/ritalee/>>. Acesso em 25 ago. 2008.

ROCHA, T. Carmen Miranda. MPBNet. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/musicos/carmen.miranda/>>. Acesso em: 16 nov. 2008.

SOARES, A. Templo do underground é demolido. Diário do Povo. Campinas, 07 set. 1997.

SOUZA. T. Wanda Sá & Bossa Três. Clique Music Uol. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/artistas.asp?Status=DISCO&Nu_Disco=7290>. Acesso em: 25 ago. 2008.

VARGAS, H. História da MPB desde o século 18”. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 03 ago. 2008. Cultura, Caderno D4.

TINHORÃO, J. R. História Social da Música Popular Brasileira. Lisboa, Caminho da Música, 1998.

URBIM, E; VAUGHAN, D; IVANOV, R. 50 imortais da música brasileira. Revista MTV, SP, ano 5, n.50, p. 42-51, jul. 2005.

WANDA Sá. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wanda_S%C3%A1>. Acesso em: 25 ago. 2008.

WANDA SÁ. Clique Musical Uol. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/wanda-sa.asp>>. Acesso em: 25 ago. 2008.